

UNEMAT Editora

Editor: Maria do Socorro de Sousa Araújo

Capa Final: Ricelli Justino dos Reis

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Editora UNEMAT 2015

online

Conselho Editorial:

Maria do Socorro de Sousa Araújo (Presidente)

Ariel Lopes Torres

Luiz Carlos Chieriegatto

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Sandra Mara Alves Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Fernanda A. Domingos Pinheiro

Roberto Tikao Tsukamoto Júnior

Gustavo Laet Rodrigues

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenadores /Organizadores: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 6, nº. 1, (2015), 232 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiae-diversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN: 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Editora UNEMAT

Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada

Fone/fax: (0xx65) 3221-0077

Cáceres-MT – 78200-000 - Brasil

E-mail: editora@unemat.br

Revista



Dossiê “As Leis e suas práticas: a diversidade em exercício”

A DIVERSIDADE NA HISTÓRIA ENSINADA NOS LIVROS DIDÁTICOS: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DA NAÇÃO

Mauro Cezar Coelho¹

Universidade Federal do Pará(UFPA).

E-mail: [mauroccoelho@yahoo.com.br]

Wilma de Nazaré Baía Coelho²

Universidade Federal do Pará(UFPA).

E-mail: [wilmacoelho@yahoo.com.br]

RESUMO: A reflexão proposta discutirá a incorporação, pela literatura didática, das críticas ao “mito da democracia racial” nas abordagens sobre a formação nacional. A partir da análise de obras didáticas utilizadas nas décadas de 1980, 1990 e 2000, pretende-se analisar as formas pelas quais um dos dispositivos daquele “mito”, a ideologia da mestiçagem, é problematizado e conformado em saber histórico escolar. Argumentar-se-á que a crítica àquela ideologia tornou-se mais presente na literatura didática, no entanto, ela não significou o abandono de alguns de seus pressupostos.

Palavras-chave: Ensino de história/ Diversidade cultural/ Livro didático Nação/ Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

DIVERSITY IN HISTORY THOUGHT IN TEXTBOOKS: CHANGES AND CONTINUITY IN NARRATIVES ABOUT THE FORMATION OF A NATION.

ABSTRACT: The proposed arguments will debate the embodied criticism made by the didactic literature regarding the “myth of racial democracy” as it is shown in studies about national formation. From the analysis of textbooks used in the 1980, 1990 and 2000, we intend to analyze the ways in which one of the devices of said “myth”, i.e, the ideology of miscegenation, is questioned and conformed into a historical knowledge suitable for schools. It will be argued that criticism towards that ideology has become more present in didactic literature, however, it did not meant the complete abandonment of some of its assumptions.

Keywords: History teaching/ Cultural diversity/ Textbook/ Nation/ Statutes 10.639 / 2003 and 11.645 / 2008.

Neste artigo, apresentamos resultados parciais de uma pesquisa em andamento. Por meio dela, buscamos analisar as formas pelas quais duas categorias são representadas

1 Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal do Pará, onde atua na Faculdade de História e no Programa de História Social da Amazônia. Atualmente integra a Coordenação do GT de Ensino da ANPUH. E-mail: mauroccoelho@yahoo.com.br.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA); atua no Programa de Pós-graduação em Educação, na Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas e no Mestrado em Educação da Escola Básica, todos da UFPA. Coordena o NEAB Gera – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (GERA-UFPA). Coordenadora da Linha de pesquisa Currículo da Educação Básica (PPEB). Membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros (MEC/CADARA). Membro da Diretoria e da Equipe Editorial da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as). Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: wilmacoelho@yahoo.com.br.

nos livros didáticos – Índio e Nacionalidade.³ A reflexão que ora apresentamos não versa, exatamente, sobre qualquer uma das categorias, mas as tangencia, posto que se ocupa com o conteúdo acerca da diversidade⁴ presente nos livros didáticos analisados.

Considerando pesquisas anteriores,⁵ notamos uma inflexão decisiva na produção didática recente: uma forma distinta de abordar a nacionalidade, não mais definindo-nos pelo que nos unifica, mas por aquilo que nos diferencia. Este artigo trata desta inflexão, sugerindo que a literatura didática ensaia, hoje, por razões diversas, a incorporação de uma nova matriz de pensamento – em lugar da mestiçagem⁶ que nos iguala, emerge a diversidade que nos une.

Nacionalidade e Diversidade

A memória histórica brasileira é profundamente devedora das projeções construídas a partir do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁷ Constituída com o duplo propósito de identificar o Brasil e de unificá-lo, ela foi engendrada a partir de um eixo: os interesses das elites, reunidas no Centro-Sul do país.⁸ Desde a contribuição decisiva de Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre,⁹ ela conheceu algumas inflexões e diversos alargamentos – tem sido criticada e redimensionada, à medida que a pesquisa documental se expande e que a reflexão teórica se aprofunda em complexidade. Não obstante, o signo que a originou, a preocupação com a Nacionalidade, permanece latente em um dos veículos de maior impacto na reprodução da memória histórica: o Livro Didático.¹⁰

Neste artigo, ensaiamos um argumento formulado a partir de pesquisa em andamento. O discurso sobre a nacionalidade no livro didático vive uma inflexão: em lugar de pautar-se pela ótica da mistura, segundo o qual a sociedade brasileira é constituída pelo

- 3 Projeto de Pesquisa: As Representações sobre Índio e Nacionalidade nos Livros Didáticos consumidos na Região Norte. Vínculo institucional: Universidade Federal do Pará. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
- 4 SOUSA, Jesus Maria. O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 2, n. 1, p. 107-120, 2000; COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía (org.). *Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade*. Belo Horizonte: Mazza, 2012; idem; idem. Por linhas tortas a educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região norte: entre virtudes e vícios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) – ABPN*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 137-155, jul./out. 2012.
- 5 COELHO, Mauro Cezar. Moral da História: a representação do índio em livros didáticos. In: Marcos Silva (org.). *História: Que ensino é esse?* Campinas: Papius, 2013, p. 65-82; COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. História, historiografia e saber histórico escolar: a educação para as relações étnico-raciais e o saber histórico na literatura didática. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 358-379, jul./dez. 2014.
- 6 MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005; idem. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- 7 WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- 8 MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 21-113.
- 9 MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1985, p. 20-33
- 10 COELHO, Mauro Cezar. A história, o índio e o livro didático: apontamentos para uma reflexão sobre o saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 263-280.

amálgama das três raças¹¹ formadoras, ele passa a fundar-se na premissa de que a sociedade brasileira é diversa, de modo que o fator estruturante da narrativa sobre a nacionalidade passa a se constituir na Diversidade do povo e da cultura nacionais.

Nesse sentido, o trabalho em tela tem por objetivo refletir sobre a emergência de um discurso sobre a Diversidade em livros didáticos.¹² Tal discurso tangencia as formulações acerca das duas categorias estudadas – Índio e Nacionalidade – alterando o sentido a elas atribuído, especialmente se considerarmos a produção didática em perspectiva histórica. Sugerimos que os sentidos atribuídos à Nacionalidade e, por extensão, às personagens que compõem a formulação sobre a formação da nação encontram-se cada vez menos associados aos institutos que constituíram uma narrativa sobre o Nacional desde os séculos XIX e XX, os quais projetavam um ideal de nacionalidade demarcado pela homogeneização dos elementos que compõem a sociedade nacional.

Ainda que presente de forma marcante, o “Mito da Democracia Racial”, ou a “Ideologia da mestiçagem” (um dos seus corolários), não organiza mais a estrutura narrativa ou conforma os modelos explicativos de livros publicados mais recentemente, segundo o recorte definido pela pesquisa. Isto se deve, em larga medida, à valorização de categorias como Diversidade e Diferença,¹³ percebidas agora como fundamentos da vida democrática. Nesse sentido, analisamos como estas últimas categorias vêm sendo operadas pelo saber histórico formulado pelos Livros Didáticos. Dessa forma, discutir-se-á a incorporação, pela literatura didática, das críticas ao “Mito da Democracia Racial” nas abordagens sobre a formação nacional. Argumentar-se-á que a crítica àquela ideologia tornou-se mais presente na literatura didática, sem que isto significasse o abandono de alguns de seus pressupostos. A reflexão fundamenta-se na análise de livros didáticos adotados em escolas da região norte, no Ensino Fundamental, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático, desde o início dos anos 2000. A escolha deveu-se ao fato de que a partir daquela década encontra-se consolidada a política de inclusão de conteúdos que redimensionam a memória histórica, conforme o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Nacionalidade no Livro Didático

A motivação para a pesquisa decorreu do reconhecimento da íntima relação existente entre o discurso sobre o nacional e o saber histórico veiculado em sala de aula.¹⁴ No caso brasileiro, diversos especialistas já demonstraram o vínculo estreito que relaciona os interesses do Estado, na forja de uma memória que a todos identificasse, e a História. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro evidencia esse compromisso, por meio de uma

11 Sobre o mito das três raças, ver: DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

12 O escopo documental da pesquisa se concentra em obras adotadas em escolas da Cidade de Belém, no Estado do Pará, nos últimos vinte e cinco anos. Neste período, percebemos a inflexão sugerida.

13 GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005. GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Ed. 34, 2004; idem. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. São Paulo: Cortez, 2008.

14 Para uma reflexão neste sentido ver LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

produção que construiu uma memória da nação, comprometida com os interesses do Estado. Mas, o instituto compreende apenas uma das formulações desse compromisso, depois assumido a partir de outras perspectivas no alvorecer da República, na década de 1920, durante o Estado Novo e pelo Regime Militar.¹⁵

Nesse sentido, pretendemos verificar as formas pelas quais aquele vínculo instaurado desde o século XIX, entre o saber histórico e a conformação de um discurso sobre a nacionalidade, se manifestava na literatura didática. Analisando os livros didáticos produzidos após a promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08, tem-se percebido uma inflexão na conformação dos conteúdos relacionados à nacionalidade no saber histórico veiculado pela literatura didática.¹⁶

Nosso movimento inicial foi considerar o Livro Didático como um suporte produtivo para a discussão das questões da nacionalidade. Nesse sentido, a compreensão da nacionalidade como uma comunidade imaginada, proposta por Benedict Anderson, pareceu-nos promissora.¹⁷ Entendendo a nacionalidade como um artefato cultural, Anderson analisa a emergência do nacionalismo nos séculos XIX e XX, pontuando algumas de suas características/propriedades. Destas, duas são fundamentais para a discussão realizaremos – a primeira é a noção segundo a qual a nacionalidade pressupõe uma apreensão e uma ordenação compartilhada do tempo,¹⁸ a segunda diz respeito ao fato de o nacionalismo eleger um conjunto de problemas, questões e também uma memória que são percebidos como comuns à comunidade.¹⁹ Ambas as características/propriedades deste artefato cultural – a nacionalidade – podem ser perscrutados na literatura didática.

Em que pesem eventuais singularidades, os Livros Didáticos estabelecem uma narrativa da experiência dos homens no tempo, por meio da qual procedem a escolhas, elegendo grupos, espaços e tradições. Tais escolhas e a forma pela qual são ordenadas acabam por conformar não apenas a gênese e a progressão da experiência social, mas, sobretudo, a sequência na qual nos inserimos. Ou, melhor, os Livros Didáticos não procedem apenas a uma ordenação no tempo, mas um encadeamento de fatos e eventos que sugere uma ordem de valores – isto fica claro não somente pelo momento no qual a História do Brasil surge em parte dos livros que venho analisando (sempre após a abordagem da conquista de Constantinopla e do Renascimento), mas pela forma como a mesma História do Brasil é relacionada à História Geral, entendida aqui, fundamentalmente, como História

15 GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História. Campinas: Papirus, 2012, p. 19-38; ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 103-114, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200006&lng=en&nrm=iso. Acessado em 30 de março de 2015.

16 COELHO, Mauro Cezar. As populações indígenas no livro didático ou a construção de um agente histórico ausente. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MAGALHÃES, Ana Del Tabor (org.). *Educação para a diversidade: olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 97-111; COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas a educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região norte: entre virtudes e vícios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) – ABPN*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 137-155, jul./out. 2012; COELHO, Mauro Cezar. Moral da História: a representação do índio em livros didáticos. In: SILVA, Marcos (org.). *História: que ensino é esse?* Campinas-SP: Papirus, 2013a. p. 65-82.

17 ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989, p. 13-16.

18 ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989, p. 31-45.

19 ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989, p. 124-153.

da Europa – assim, a crise do sistema colonial sucede ao trato da Revolução Francesa e do Iluminismo, a Abolição à Revolução Industrial e a industrialização às duas Grandes Guerras.

Como exemplo, transcrevemos a seguir sumários de duas obras, publicadas em um intervalo de quinze anos.

1. Quadro – Obras Examinadas Sexto e Sétimo ano

<i>História: assim caminha a humanidade.</i> ²⁰	<i>Projeto Araribá.</i> ²¹
<p><u>Unidade 1:</u></p> <p>1ª Parte - A decadência do Império Romano do Ocidente</p> <p>2ª Parte - Os bárbaros estão chegando</p> <p><u>Unidade 2:</u></p> <p>1ª Parte - Bizantinos e Árabes</p> <p>2ª Parte - Os senhores da terra</p> <p><u>Unidade 3:</u></p> <p>1ª Parte - Os burgueses entram em cena</p> <p>2ª Parte - Um só Deus, um só Império</p> <p>3ª Parte - A formação dos Estados Nacionais</p> <p>4ª Parte - Uma nova consciência: o Renascimento</p> <p>5ª Parte - A Reforma Protestante</p> <p>6ª Parte - Navegar é preciso</p> <p>7ª Parte - O ouro e a prata</p> <p>8ª Parte - Colonizadores do Novo Mundo</p> <p>9ª Parte - As mãos e os pés do senhor</p> <p>10ª Parte - Formação do Povo Brasileiro</p>	<p>Unidade 1: A formação da Europa feudal</p> <p>Unidade 2: Mundos além da Europa</p> <p>Unidade 3: Mudanças na Europa</p> <p>Unidade 4: Mudanças na arte e na religião</p> <p>Unidade 5: Mudanças entre dois mundos</p> <p>Unidade 6: Espanhóis e ingleses na América</p> <p>Unidade 7: O Império Ultramarino Português</p> <p>Unidade 8: O nordeste colonial</p>

Fonte: pesquisa direta, 2015.

Como se pode notar, a trajetória brasileira é percebida como um desdobramento da história europeia. Isto fica claro não apenas pela ordenação dos eventos, mas pela consideração dos *outros* – os que não são europeus – seja no oriente, como no caso do livro publicado em 1992, seja o Islão e a África no livro aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático para o triênio 2011-2013. O argumento poderia ser duplicado aqui, mesmo considerando-se obras que adotam uma perspectiva temática. Tome-se, por exemplo, o

20 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. *História: assim caminha a humanidade*. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992

21 EDITORA MORDERNA. *Projeto Araribá*. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2007. (PNLD 2011, 2012, 2913)

caso de *História Temática*. No livro destinado ao sétimo ano, cuja temática é terra e propriedade, os conteúdos estão assim ordenados.

2. Quadro – Livro Sétimo ano

História Temática: terra e propriedade ²²
<u>Unidade 1</u> : A propriedade no presente e no passado
Capítulo 1 – Posse e propriedade
Capítulo 2 – Terra e propriedade na Roma antiga
Capítulo 3 – Feudalismo: a terra como privilégio
Capítulo 4 – A propriedade capitalista
Capítulo 5 – Formas coletivas de propriedade
<u>Unidade 2</u> : Religiosidade e política
Capítulo 6 – Estado, nação e política
Capítulo 7 – Capitalismo: religião e política
Capítulo 8 – A Revolução Inglesa: conquistas políticas burguesas
Unidade 3 – Terra, política e protesto no Brasil
Capítulo 9 – Independências políticas e a ideia de nação
Capítulo 10 – O Império brasileiro: revoltas, terra e escravidão
Capítulo 11 – Canudos e Contestado: política, miséria e misticismo

Fonte: pesquisa direta, 2015.

O sumário sugere uma discussão temática a qual busca fugir de uma perspectiva cronológica e eurocêntrica. No entanto, a análise da obra deixa clara a permanência do mesmo enfoque verificado nas demais obras pesquisadas. Senão vejamos.

A obra inicia com uma breve consideração sobre o tema no Brasil contemporâneo,²³ para, a partir do segundo capítulo, retomar o fio condutor da tradição. Assim, a narrativa segue o mesmo roteiro dos livros apontados na tabela anterior. A antiguidade romana é sucedida pelo trato da Idade Média.²⁴ Neste ponto, a obra didática elege aspectos relacionados ao tema, como o acesso e a exploração da terra na sociedade feudal, as crises do feudalismo e a emergência da burguesia e do capitalismo.²⁵ Em seguida, as for-

22 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

23 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 10-23

24 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 24-65

25 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 66-85.

mas coletivas de propriedade são abordadas – momento em que são referidas as formas de propriedade entre os povos indígenas, a proposta socialista e as revoluções correlatas ocorridas no século XX.²⁶ Depois, a narrativa se concentra na formação do estado. Apesar de os exemplos iniciais referirem-se ao caso brasileiro, é da Europa que trata o capítulo – o absolutismo e a sociedade de corte são os aspectos destacados.²⁷ O mesmo ocorre na sequência, em que religião e políticas são discutidas: as reformas religiosas, as guerras religiosas e políticas e as revoltas camponesas na Europa concentram a narrativa.²⁸ A Revolução Inglesa é o objeto da discussão subsequente,²⁹ para em seguida, finalmente, abordar-se a trajetória brasileira.³⁰

A exposição dos sumários das obras não significa, deixamos claro, uma crítica à adoção de um aporte cronológico. Nem, tampouco, sugere a adoção de uma perspectiva que negue a sucessão dos eventos. Os três sumários, tomados como índices do que a pesquisa verificou demonstram a persistência de uma perspectiva que assume a formação do Brasil como um desdobramento da trajetória europeia, considerando-a como a matriz dos processos vividos no Brasil. Não obstante, postura análoga pode ser percebida na abordagem da História do Brasil.

No trato com os eventos e os processos que constituem a trajetória histórica brasileira, Os Livros Didáticos indicam os eventos que conformam nossa experiência, não apenas elegendo aqueles que nos constituíram, mas atribuindo-lhes importância. Daí a abordagem diferenciada de processos e regiões – o nordeste quando se ocupa da colonização portuguesa e o sudeste a partir da chegada da família real ao Brasil, ambas as regiões conformam o epicentro da história de cada período, enquanto as demais acabam por conformar exceções ou desvios.³¹ Da mesma forma, daí decorre a classificação dos eventos entre nacionais – que atingem a todos – e regionais – relacionados a uma parte do todo. Para ambos os processos a que nos referimos concorrem todos os elementos do Livro Didático, o texto principal, as ilustrações, as caixas de texto, os glossários e, também, o espaço destinado a cada um dos temas.

Por essas razões, assumimos os Livros Didáticos como documentos importantes para a formulação de uma história das formas pelas quais a nacionalidade é percebida não somente pelo sistema escolar, mas por todos aqueles que interferem e participam da sua produção. Eles permitem a investigação de como cada conjunto de autores e como em cada momento as questões relativas à nacionalidade são percebidas e formuladas em saber histórico escolar. Eles facultam, ainda, a compreensão sobre a relação estabelecida entre

26 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. História temática: terra e propriedade. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 86-102.

27 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. História temática: terra e propriedade. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 104-121.

28 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. História temática: terra e propriedade. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 122- 135.

29 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. História temática: terra e propriedade. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 136-148.

30 MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. História temática: terra e propriedade. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000, p. 150-203.

31 Esta postura se verifica em todos os livros pesquisados, conforme rol ao final do artigo.

o saber histórico veiculado e a produção historiográfica, por meio de escolhas acerca de enfoques e interpretações.

A mistura que nos integra ou a diversidade que nos une?

Em pesquisa anterior,³² centrada em livros didáticos produzidos na década de 1990, percebeu-se neles a presença preponderante da *ideologia da mestiçagem* – desdobramento do mito da democracia racial. Por meio dela, a formação do Brasil vinha sendo entendida como o resultado da contribuição de três grupos formadores – o branco, o indígena e o negro. O nacional era entendido como um amálgama da tríade aqui reunida ao tempo da colonização portuguesa, no qual o elemento branco constituía o polo estruturante. Assim, a nacionalidade compreendia uma hierarquia, na qual o branco emergia como protagonista e os demais grupos como coadjuvantes com parca e esparsa participação nos nossos atributos culturais e sociais.

Isto pôde ser percebido no conteúdo histórico veiculado pelas diversas coleções analisadas. Enquanto os brancos protagonizavam as narrativas que tratavam de nossa evolução política e econômica, os demais grupos surgiam em episódios específicos. No que se refere à formação de nossa identidade, aos traços culturais que nos identificavam, os elementos indígenas e negros eram acionados para dar conta de nossa índole festiva, alguns elementos de nossa culinária e alguns vocábulos da língua pátria. No mais, toda a nossa cultura parecia decorrer de uma relação direta, quase filial, com a Europa – isto se dava não somente pela estrutura narrativa adotada (a forma como os eventos eram encadeados, de modo que os processos vividos aqui eram percebidos como desdobramentos da história europeia), mas, sobretudo, pelas ênfases feitas na narrativa (os elementos indígenas e negros eram acionados em referência a alguns eventos e alguns períodos, o que acabava por sugerir uma atuação limitada ou secundária). Ademais, conforme vem apontando uma extensa literatura, a produção didática desse período é pródiga em formulações indevidas – acionamento de imagens de indígenas e negros em situações desfavoráveis, reprodução de encaminhamentos racistas etc.³³

No que tange à produção didática posterior à emergência das leis 10.639/03 e 11.645/08, especialmente a partir de 2008, notamos um esvaziamento da presença do *mito* e da *ideologia* da mestiçagem na literatura didática. Ainda que ele permaneça presente, ele não pontifica mais soberano. Em primeiro lugar, percebemos um alargamento do espaço dedicado aos elementos indígena e negro na literatura analisada. Nos últimos anos, os livros ganharam novos capítulos e seções destinados à História Indígena e à História da África.

Na tabela abaixo, apresentamos um quadro demonstrativo da evolução dos conteúdos inseridos na literatura didática nos últimos anos. A tabela insinua uma questão importantíssima na elaboração das obras didáticas – o espaço destinado a cada tema. Ain-

32 COELHO, Mauro Cezar. A história, o índio e o livro didático: apontamentos para uma reflexão sobre o saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 263-280.

33 ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

da que não seja nossa intenção discorrer sobre isto neste momento, está claro que a obra didática, como produto editorial e de múltipla autoria, tem na distribuição do espaço um item relevante. Nossa intenção, no entanto, não é refletir sobre este aspecto, mas de considerar como, na organização de capítulos e seções, as obras contemplam temas relativos à História Indígena, a História da África e da Cultura Afro-brasileira. Nossa preocupação neste momento é dar conta do alargamento do espaço destinado a estas temáticas. Assim a tabela evidencia o número de capítulos ou seções de capítulos destinados às temáticas e, nesse compasso, registra outros incorporados pela literatura.

3. Quadro -

TEMÁTICAS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA DIDÁTICA						
Ano	Coleção	v.	Capítulos		Seções	
			Un.	Temas	Un.	Temas
1992	<i>História: assim caminha a humanidade.</i>	5ª série ³⁴	1	Povos indígenas americanos.	0	-
		6ª série ³⁵	0	-	0	-
1994	<i>História do Brasil 1: Colônia</i> ³⁶	1º Grau	1	Povos indígenas americanos.	-	-
2001	<i>História & Vida Integrada</i>	5ª série ³⁷	1	Antiguidade asiática (China e Índia).	-	-
		6ª série ³⁸	-	-	3	Povos indígenas americanos; povos indígenas brasileiros; cultura afro-brasileira.
	<i>História</i>	5ª série ³⁹	3	Povos indígenas americanos; povos indígenas brasileiros.	-	-
		6ª série ⁴⁰	3	Povos indígenas brasileiros; cultura afro-brasileira.	-	-

34 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. *História: assim caminha a humanidade*. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.

35 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. *História: assim caminha a humanidade*. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.

36 SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil 1. Colônia - Primeiro Grau*. São Paulo: Moderna, 1994.

37 PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 5ª Série*. São Paulo: Ática, 2001.

38 PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 6ª Série*. São Paulo: Ática, 2001.

39 SILVA, Francisco de Assis. *História: da pedra e do bronze à cultura greco-romana*. São Paulo: Moderna, 2001.

40 SILVA, Francisco de Assis. *História: do mundo medieval ao período colonial brasileiro*. 6ª série. São Paulo: Moderna, 2001.

2007	<i>Projeto Araribá</i>	6º ano ⁴¹	10 ⁴²	Povos Indígenas americanos, povos indígenas brasileiros, África, Ásia [China e Índia].	-	-
		7º ano ⁴³	10	Islão, África, povos indígenas americanos, cultura afro-brasileira.	-	-
2009	<i>Vontade de saber História</i>	6º ano ⁴⁴	3	África, China.	1	Povos indígenas americanos.
		7º ano ⁴⁵	3	Islão, povos indígenas americanos, África.	3	Povos Indígenas americanos.

Fonte:

Como se pode notar, a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ocorrida nos anos de 2003 e 2008, foi determinante no alargamento do espaço dedicado às temáticas africana, afro-brasileira e indígena. Mais que isso, quanto mais nos aproximamos dos dias que correm, nota-se um aprofundamento nas abordagens, visível tanto em um maior detalhamento nas narrativas quanto no abandono de uma perspectiva maniqueísta que, frequentemente, percebia estes elementos como vítimas contumazes da ambição europeia. Ademais, espaços antes inexistentes no horizonte da história ensinada como a China e a Índia, ou pouquíssimo visitados como o Islão, passaram a compor as narrativas didáticas.

A tabela evidencia, ainda, outro movimento. Em livros didáticos publicados na década de 1990, são comuns capítulos voltados para a formação da sociedade brasileira, seja no passado colonial ou no tempo presente, os quais se ocupam das contribuições do índio, do negro e do branco, este último não raro classificado como a influência cultural dominante.⁴⁶ Neles se manifesta de modo determinante o que a literatura especializada vem classificando como Ideologia da Mestiçagem. Segundo esta *ideologia* o povo brasileiro seria demarcado pela mistura. Sua índole, sua cultura, suas instituições resultariam do amálgama da tríade fundadora e teria recebido as contribuições dos povos para cá emigrados. Essa mistura, idealmente, anularia as diferenças, posto que igualasse a todos como participantes do amálgama fundador.

Pois, essa perspectiva fundada na *ideologia* da mestiçagem está cada vez menos presente nos livros publicados na última década. Que fique claro: não sustentamos que

41 EDITORA MORDERNA. *Projeto Araribá*. 6º ano. São Paulo: Moderna, 2007. (PNLD 2011, 2012, 2913)

42 A coleção *Projeto Araribá* está organizada em unidades, as quais são compostas por temas. Os temas correspondem em estrutura e narrativa à forma assumida pelos capítulos em outras coleções.

43 EDITORA MORDERNA. *Projeto Araribá*. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2007. (PNLD 2011, 2012, 2913)

44 PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber – História*. 6º ano. São Paulo: FTD, 2009.

45 PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber – História*. 7º ano. São Paulo: FTD, 2009.

46 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. *História: assim caminha a humanidade*. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992; SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil 1. Colônia - Primeiro Grau*. São Paulo: Moderna, 1994; COTRIM, Gilberto. *História & Consciência do Brasil 1: Da Conquista à Independência*. São Paulo: Saraiva, 1996.

tenha desaparecido, mas que perdeu sua condição de modelo explicativo fundamental e preponderante da sociedade brasileira e de sua formação. Assim, quanto mais nos aproximamos do final da primeira década do século XXI, notamos que a ênfase na nossa diversidade é afirmada. Assim, percebe-se uma tendência de substituição de uma síntese por outra: em lugar da mistura que nos iguala a diferença é o que nos singulariza.

Os indícios são cada vez mais evidentes nas obras didáticas editadas a partir da promulgação da lei 10.639/03. Os sumários indicados anteriormente constituem um dos indícios nesse sentido, pois demonstram que os livros didáticos ampliaram o universo social com que costumeiramente lidavam. Assim, novos mundos foram incorporados à história ensinada, como a China, a Índia e até mesmo o Islão, antes pouco mencionado, agora é abordado com maior profundidade. Mas, é no que concerne à formação do Brasil que verificamos uma diferença significativa. Em livros publicados durante a década de 1990, a história ensinada reproduzia o mito – seríamos o resultado da fusão das três raças fundadoras:

Índios, portugueses e negros foram os três elementos étnicos principais na formação do povo e da cultura do Brasil, desde os tempos coloniais.⁴⁷

Formada pela intensa miscigenação de três raças - branca, negra e amarela -, a população brasileira caracterizou-se etnicamente, desde os tempos coloniais, pelos tipos mestiços...⁴⁸

A sociedade brasileira, no seu aspecto étnico, formou-se pela miscigenação de três raças: o índio americano, o branco europeu e o negro africano.⁴⁹

A cultura colonial brasileira formou-se da composição de elementos culturais europeus, africanos e indígenas.⁵⁰

Participaram da formação do povo brasileiro três elementos étnicos: o índio, o negro e o branco.⁵¹

A cultura brasileira, assim como todas as culturas, é resultado da soma das manifestações culturais erudita e popular. Em sua composição somam-se elementos culturais europeus, africanos e indígenas.⁵²

Em todas essas obras a remissão ao mito e ao seu principal desdobramento – a miscigenação, – serve ao propósito de evidenciar a unidade. Culturalmente, o povo brasileiro constitui um todo uniforme e homogêneo, cujo elemento determinante é a mistura que o torna único. As referências aos africanos, brancos, indígenas e negros servem apenas para reiterar o mito. Africanos e indígenas surgem como elementos contribuintes, mas

47 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. História: assim caminha a humanidade. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992, p. 151.

48 VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. História: assim caminha a humanidade. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992, p. 153.

49 SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil 1. Colônia - Primeiro Grau. São Paulo: Moderna, 1994, p. 55.

50 SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil 1. Colônia - Primeiro Grau. São Paulo: Moderna, 1994, p. 109.

51 COTRIM, Gilberto. História & Consciência do Brasil 1: Da Conquista à Independência. São Paulo: Saraiva, 1996, p. 109.

52 SILVA, Francisco de Assis. História do Homem: aborgagem integrada da História Geral e do Brasil. 4 v. (Volume 1: Das comunidades primitivas ao sistema escravista grego e romano). São Paulo: Moderna, 1996, p. 135.

coadjuvantes, enquanto o branco aparece como o elemento estruturante (não por outra razão a história europeia constitui o epicentro da história ensinada naquelas obras).

Pois a análise de obras produzidas nos últimos dez anos indica uma inflexão importante que, mesmo em andamento, pode ser anunciada. A substituição de uma narrativa pautada no mito, na mistura, na homogeneização, por outra centrada na Diversidade. Assim, brancos, negros e índios, mas especialmente estes últimos, são percebidos como grupos heterogêneos.

A cultura brasileira é um mosaico de povos e tradições. Ela expressa o encontro de pessoas vindas de diversas regiões do planeta com aquelas que aqui viviam.⁵³
No século XIX, os povos que habitavam a África tinham semelhanças e também diferenças entre si.⁵⁴

Os excertos transcritos dão conta de uma preocupação que se mostra cada vez mais presente nas obras didáticas: ressaltar a diversidade, tanto na nossa formação histórica quanto na conformação de nossa identidade. Significativo, neste sentido, é número de vezes que a categoria Diversidade é acionada em uma coleção publicada em 2009. Enquanto que em coleções, publicadas antes do ano de 2003 as referências à diversidade são esparsas, elas se avoluma a partir daí. É o conteúdo que lhes é atribuído, no entanto, o que demarca a função que a categoria passa a conforma – a formação para a cidadania. Destacamos a seguir dos excertos retirados da obra que deixa mais evidente a inflexão que sugerimos:

Ao estudarmos História, percebemos a importância do respeito à diversidade cultural e ao direito de cada um ser o que é, e entendemos como esse respeito é indispensável para o exercício da cidadania e para construirmos um mundo melhor.⁵⁵
Para um convívio democrático, que privilegia a diversidade, devemos buscar compreender as culturas e respeitá-las como elas são. Para isso, não devemos julgar o outro segundo nossos próprios valores, pois os costumes e interesses são variados e pessoais.⁵⁶

Conclusões em andamento

Encaminhamos, então, algumas considerações não conclusivas sobre o universo pesquisado até o momento. Em primeiro lugar, sugerimos que a literatura didática reflete uma inflexão na forma como nossa identidade é percebida. Essa “ideologia da mestiçagem”, emergida na década de 1930 – versão atualizada do mito da democracia racial – enaltecia a mistura, sempre tendo o elemento branco como polo aglutinador (e depurador). Pois, des-

53 EDITORA MODERNA. *Projeto Araribá*. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2007, p. 40.

54 PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber – História*. 8º ano. São Paulo: FTD, 2009, p. 146.

55 PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber – História*. 6º ano. São Paulo: FTD, 2009, p. 3.

56 PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber – História*. 9º ano. São Paulo: FTD, 2009, p. 17.

de a década de 1970, mas, sobretudo, a partir da década de 1980, assiste-se a emergência de uma perspectiva cada vez mais presente, que pode ser chamada de “ideologia da diversidade” ou da “diferença”. Por meio dela, exaltam-se, justamente, as diferenças entre os grupos que compõem a sociedade, em um esforço de valorização das contribuições de cada um dos elementos constituintes da sociedade brasileira. A literatura didática participa desse processo de construção desta nova perspectiva, por meio da valorização dos elementos diversos. Em segundo lugar, percebemos uma maior apropriação da produção historiográfica. À medida que os anos passam, aumentam as referências ao saber histórico como uma construção passível de polêmicas e divergências. Isto não quer dizer, todavia, que o saber histórico veiculado pelos Livros Didáticos considere-as na conformação da narrativa formulada. Mas, constitui um avanço caso se proceda à comparação entre a produção vinda a público nas décadas de 1990 e no início dos anos 2000. Em terceiro lugar, notamos uma diminuição significativa das referências à nossa identidade, como conteúdo didático, nos livros publicados desde o final da década passada. Em alguns desses livros são quase nulas as formulações interpretativas sobre nossa cultura, nosso caráter ou nossa origem. A ênfase nessas obras é na narrativa dos eventos que constituem a nossa trajetória e, nesse sentido, elas não se distanciam das obras da década de 1990, exceção feita à importância dispensada aos conteúdos relativos aos povos indígenas e à História da África.

Nosso interesse diz respeito aos significados encaminhados pela inflexão percebida. Nesse sentido, a literatura didática conforma, ainda, uma dada percepção do tempo e um conjunto de problemas e uma memória comuns – os quais nos distinguem dos “outros”. Significativo, nesse sentido, é a manutenção dos conteúdos relacionados a nossa formação – em que pese os desdobramentos das leis 10.639/03 e 11.645/08. Em linhas gerais, o saber histórico formulado pela literatura didática permanece dando conta dos mesmos eventos e conformando-se em uma narrativa que privilegia a descrição dos fatos e na qual as interpretações não são discutidas. Sobre este aspecto, outro fator percebido é a distância entre o que as obras didáticas anunciam e o que efetivam: via de regra, os capítulos iniciais das coleções apresentam o que seria a perspectiva histórica adotada pelos autores; frequentemente, neles afirmam-se compromissos com uma história construída por todos os agentes e na qual a ela é assumida como saber em construção permanente. A narrativa oferecida por obras publicadas recentemente, no entanto, permanece muito próxima daquelas presentes na produção didática de duas décadas atrás.

Sugerimos, então, que a literatura didática manifesta, nos limites de suas possibilidades, as tensões vividas pelo Ensino de História, no tempo em que vivemos, as quais emprestam significado aos conteúdos acionados nas obras. As transformações nos modos pelos quais nossa identidade é percebida, denotando o abandono de uma perspectiva que a concebia a partir de cima em favor de outra, ainda em processo de construção, mas pautada nos princípios da Diferença e da Diversidade, denotam, em larga medida, as demandas sociais por um Ensino de História que fale mais de perto às questões que interessam à sociedade. Há que se considerar, nesse sentido, a importância dos movimentos sociais, desde a década de 1970, na luta pela afirmação de direitos e pela extensão da cidadania a grupos tradicionalmente mantidos à margem da sociedade. Mas, a adoção da “ideologia

da diversidade” ou da “diferença”, não tem significado uma reformulação da a concepção sobre que história ensinar.

Obras pesquisadas:

COTRIM, Gilberto. História & Consciência do Brasil 1: Da Conquista à Independência. São Paulo: Saraiva, 1996.

EDITORA MORDERNA. Projeto Araribá. 6º ano. São Paulo: Moderna, 2007.

EDITORA MORDERNA. Projeto Araribá. 7º ano. São Paulo: Moderna, 2007.

EDITORA MORDERNA. Projeto Araribá. 8º ano. São Paulo: Moderna, 2007.

EDITORA MORDERNA. Projeto Araribá. 9º ano. São Paulo: Moderna, 2007.

MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: tempos e culturas*. 5ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

MONTELLATO, Andrea R. D.; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. *História temática: o mundo dos cidadãos*. 8ª série. São Paulo: Scipione, 2000.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história: 6º ano*. São Paulo: FTD, 2009.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história: 7º ano*. São Paulo: FTD, 2009.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história: 8º ano*. São Paulo: FTD, 2009.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história: 9º ano*. São Paulo: FTD, 2009.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 5ª Série*. São Paulo: Ática, 2001.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 5ª Série*. São Paulo: Ática, 2005.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 6ª Série*. São Paulo: Ática, 2001.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & Vida Integrada - 6ª Série*. São Paulo: Ática, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História, histórias*. 5ª série. Brasil colônia. São Paulo: FTD, 1992.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História, histórias*. 6ª série. Brasil império e república. São Paulo: FTD, 1992.

SCHIMIDT, Mario Furley. Nova História Crítica - 6ª Série. São Paulo: Nova Geração, 1999.

SILVA, Francisco de Assis. do Homem: aborgagem integrada da História Geral e do Brasil. 4 v. (Volume 2: Da crise do escravismo romano ao capitalismo) São Paulo: Moderna, 1996.

SILVA, Francisco de Assis. História do Homem: aborgagem integrada da História Geral e do Brasil. 4 v. (Volume 1: Das comunidades primitivas ao sistema escravista grego e romano). São Paulo: Moderna, 1996.

SILVA, Francisco de Assis. História: da pedra e do bronze à cultura greco-romana. São Paulo: Moderna, 2001.

SILVA, Francisco de Assis. História: do mundo medieval ao período colonial brasileiro. 6ª série. São Paulo: Moderna, 2001.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil 1. Colônia - Primeiro Grau. São Paulo: Moderna, 1994.

VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. História: assim caminha a humanidade. 5ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.

VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião. História: assim caminha a humanidade. 6ª série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.

Referências bibliográficas:

ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 103-114, 1998.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Mauro Cezar. A história, o índio e o livro didático: apontamentos para uma reflexão sobre o saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 263-280.

COELHO, Mauro Cezar. As populações indígenas no livro didático ou a construção de um agente histórico ausente. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MAGALHÃES, Ana Del Tabor (org.). *Educação para a diversidade: olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 97-111

COELHO, Mauro Cezar. Moral da História: a representação do índio em livros didáticos. In: Marcos Silva (org.). *História: Que ensino é esse?* Campinas: Papirus, 2013. p. 65-82.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. História, historiografia e saber histórico escolar: a educação para as relações étnico-raciais e o saber histórico na literatura didática. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 358-379, jul./dez. 2014.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. Por linhas tortas a educação para a diversidade e a questão étnico-racial em escolas da região norte: entre virtudes e vícios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) – ABPN*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 137-155, jul./out. 2012.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2012.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1985.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.